



Declaração do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui)

Nº 02/2025 - 12 de Junho

VÁRIOS DIAS DE PROTESTOS EM MASSA CONTRA A AGRESSIVA POLÍTICA DE PRISÕES DE IMIGRANTES DO GOVERNO TRUMP

Los Angeles abriga milhões de trabalhadores estrangeiros, especialmente uma grande comunidade latina. As manifestações, que já duraram vários dias e incluem algumas expressões mais radicais, foram uma resposta à intensificação da campanha para localizar e deportar migrantes que entram no país,



com invasões em locais de trabalho e prisões em massa. Um protesto chegou ao centro de detenção federal no centro de Los Angeles e foi reprimido com gás lacrimogêneo. Os manifestantes também marcharam até a entrada de um tribunal de imigração em São Francisco, após denúncia de que pelo menos duas pessoas foram algemadas e colocadas em vans sem licença do lado de fora do prédio por agentes do Serviço de Controle de Imigração e Alfândega. Os manifestantes gritavam "Fora ICE de Los Angeles!" e "Fora Guarda Nacional!", referindo-se aos agentes de imigração e aos reservistas. Os manifestantes entraram em confronto com a tropa de choque fortemente equipada, que reprimiu o protesto com gás lacrimogêneo. Um grande número de pessoas foi preso durante os protestos em Los Angeles. A intervenção do Governo Federal alimentou ainda mais os protestos. Protestos contra as invasões também ocorreram em três grandes cidades do Texas.

Uma grande mobilização contra Trump está planejada para 14 de junho, alcançando 1.800 localidades de costa a costa. Essa mobilização visa ofuscar o desfile militar programado para

esse dia em Washington. Setores republicanos dissidentes do governo decidiram não participar do desfile. Em Nova York, o Departamento de Polícia já começou a tomar medidas repressivas preventivas contra a próxima manifestação.

Essa campanha mais agressiva do governo federal contra imigrantes busca atualmente encobrir a crise econômica que se agrava e os conflitos internos de um governo em crise, agora exacerbados pelo confronto aberto com o governo da Califórnia.

Trump alegou que Los Angeles está sendo invadida por um "inimigo estrangeiro" e que invocaria a Lei da Insurreição se as tensões aumentassem para dissolver militarmente os protestos. Disse que na noite de segunda-feira "havia certas áreas" da cidade que "poderiam ter sido palco de insurreições".

Trump ordenou o envio de 4.000 soldados da Guarda Nacional e 700 fuzileiros navais de elite para Los Angeles, aumentando as tensões dos protestos e promovendo a militarização da segunda maior cidade dos EUA com sua decisão. A Guarda Nacional é uma força armada de reserva normalmente controlada por governadores estaduais e usada em resposta a desastres naturais. Seus reservistas não são mobilizados por um presidente contra a vontade de um governador estadual desde 1965, no auge do movimento pelos direitos civis. O envio de tropas regulares, como os fuzileiros navais, é ainda mais inco-

num. A lei dos EUA proíbe o uso das Forças Armadas como força policial, a menos que esteja ocorrendo uma insurreição.

Trump acusou os manifestantes de Los Angeles de serem "agitadores profissionais e insurreccionais", declarando: "O que vocês estão testemunhando na Califórnia é um ataque total à paz, à ordem pública e à soberania nacional, perpetrado por manifestantes agitando bandeiras estrangeiras com a intenção de prolongar uma invasão estrangeira ao nosso país. Não permitiremos que isso aconteça", durante um comício em Fort Bragg, a maior base militar em solo americano. Acusou o governador de não reprimir suficientemente os protestos.

Trump pediu a prisão do governador da Califórnia, Newsom, e o presidente da Câmara de Representantes, Mike Johnson, declarando que "deveria ser pichado e emplumado", tal como a antiga técnica de punição pública. A secretária de Segurança Interna, Kristi Noem, por sua vez, acusou a presidente do México, Claudia Sheinbaum, de incitar os protestos. O presidente dos EUA havia acabado de declarar que "a questão da imigração não pode ser resolvida por meio de invasões policiais ou violência" e pediu uma "reforma imigratória abrangente" que reconheça o papel dos mexicanos que vivem nos EUA.

O governo da Califórnia afirmou que a maioria dos manifestantes é pacífica e que o Estado é capaz de manter a ordem sem intervenção federal. Gavin Newsom solicitou à justiça que bloqueasse urgentemente o envio de tropas militares para Los Angeles: "Enviar combatentes de guerra às ruas não tem precedentes, o que ameaça os fundamentos da nossa democracia". Disse também que Trump "se comporta como um tirano, não como um presidente. Pedimos à Corte que bloqueie imediatamente essas ações ilegais". "Se alguns podem ser presos sem uma ordem judicial com base em suspeita ou cor da pele, ninguém está seguro".

O comandante do Corpo de Fuzileiros Navais declarou que as tropas mobilizadas em Los Angeles ainda não foram chamadas a responder aos protestos e estão ali apenas para proteger autoridades e propriedades federais. Na terça-feira, o governo decretou toque de recolher no centro de Los Angeles a partir das 20h. O governador do Texas afirmou que mobilizará a Guarda Nacional conforme os protestos se espalhem.

É sintomático que Trump tenha reforçado a militarização da fronteira dos Estados Unidos com o México. Criou duas Áreas de Defesa Nacional entre abril e maio. Para controlar a "Zona de Emergência Nacional", ampliou o número de militares para 8 mil soldados e estruturou um poderoso aparato bélico com aviões de guerra, drones e navios da marinha. De forma que ampliou as bases militares já existentes na fronteira com o Estado mexicano de Chihuahua.

A repressão interna, os cortes orçamentários, o avanço contra os direitos humanos e o ataque às universidades são acompanhados pela política externa de intervenção no Panamá, pelas ameaças contra a Venezuela, pela pressão sobre todos os países para que rompam ou limitem seus acordos com a China, pela imposição de um acordo colonial à Ucrânia, pelo apoio militar e financeiro ao Estado de Israel em sua política genocida, pela ameaça de um ataque ao Irã para impedir seu direito de possuir armas nucleares, por suas pretensões de anexação da Groenlândia e no Canadá e pela guerra comercial desencadeada contra o resto do mundo.

O fracasso da ofensiva tarifária, com a queda da Bolsa de Valores e a elevação das taxas de juros, obrigou-o a recuar e provocou rupturas em seu governo. O debate orçamentário também revelou as divisões dentro da burguesia imperialista e o embate brutal com seu parceiro Elon Musk, que defendia as medidas de austeridade e a manutenção dos subsídios estatais para suas empresas. Setores republicanos expressaram seu desacordo com a proposta orçamentária. Tanto aqueles que apoiam o orçamento quanto aqueles que se opõem caracterizam que o país pode enfrentar uma situação de catástrofe econômica. E, antes disso, há o conflito com o Federal Reserve, que se recusou a cortar as taxas de juros, como Trump havia exigido antes de assumir o cargo.

As políticas de Trump são uma resposta desesperada diante do retrocesso do poder hegemônico dos EUA, da decadência, do estancamento de sua economia e da inflação, bem como de seu endividamento extraordinário que continua a crescer devido ao seu déficit orçamentário e da balança comercial. É a decomposição capitalista que impulsiona respostas militaristas, autoritárias e guerras comerciais, que tendem a se transformar em guerras em todo o mundo e varrer as formas democráticas de dominação.

A classe operária norte-americana deve se libertar da tutela democrata e enfrentar a crise com suas próprias políticas. Sua intervenção é essencial para deter o militarismo e as guerras, para acabar com o autoritarismo e a perseguição aos migrantes. Deve derrubar o poder de Wall Street, dos bancos e das poderosas multinacionais que dirigem a economia. Deve pôr fim, por meio da ação direta das massas, à minoria ultraconcentrada que domina o país e representa o principal obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas. Não haverá paz nos Estados Unidos ou no mundo até que esse poder imperial seja derrubado por meio da revolução social. A classe operária deve construir seu próprio partido revolucionário, que expresse essa estratégia, como parte da luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, que vem sendo impulsionado pelo CERQUI.